

ela trabalhava pagou a metade da mensalidade nesse período —, Claudia deu o passo mais longo até então na sua vida profissional. Mesmo conjugando o trabalho, de dia, com os estudos, à noite, ela conseguiu passar nas provas para uma vaga na multinacional Ernst & Young (EY). Era um sonho que estava se realizando. A empresa não só assumiu o pagamento da faculdade, como permitiu que a menina do Capão Redondo batesse asas pelo mundo para executar trabalhos em várias filiais.

Nos dois primeiros anos na Ernst & Young, a jornada de Claudia continuou pesada, como sempre foi. Ela acordava rigorosamente às 5h da manhã, de segunda à sexta-feira, pegava um ônibus para estar no trabalho às 8h. Às 17h, ia para a universidade, onde ficava até as 23h. Depois, eram mais duas horas de condução até a casa dela. “Dormia apenas quatro horas por noite. Mas não era um sacrifício para mim, como muitos me diziam. Estava feliz, conquistando meu espaço, crescendo profissionalmente”, ressalta. “Não queria, em nenhum momento, que tivessem pena de mim”, emenda. Dona Maria Domingas estava ali, sempre presente, a qualquer hora que fosse, nem que a sua única missão fosse a de dar um boa-noite para a filha.

Havia um porém no meio dessa felicidade toda. Claudia escondia dos colegas de empresa que ainda morava no Capão Redondo. Na cabeça de vários deles, quem vivia na periferia não era confiável, pois carregava o sinônimo de violência. “Tive de omitir essa realidade, mas era questão de sobrevivência. O importante era estar naquele ambiente corporativo internacional, atendendo clientes de várias partes do mundo, desenvolvendo projetos importantes”, frisa. Às vezes, reconhece, era tomada pela raiva, mas, em vez de descarregar esse sentimento em cima de alguém, ela canalizava toda a energia para o trabalho.

Claudia vestiu uma armadura contra todo tipo de preconceito. “Havia clientes que ultrapassavam todos os sinais, por eu ser mulher. Outros olhavam diferente por eu ser negra. Mas nunca discuti com ninguém. Sempre fui da

Fotos: Arquivo Pessoal



Em 2019, quando concluiu o curso de contadora na Espanha, pela Associação Espanhola de Contabilidade e Administração

conversa, do diálogo. Procurava mostrar, com argumentos consistentes, o quanto aqueles gestos e ações discriminatórios eram errados”, relata. Se conseguiu convencer a todos, não se sabe. O certo é que Claudia foi galgando vários postos na Ernst & Young, movida pela competência.

Conquista na Espanha

Em 2008, a filha de dona Maria Domingas viu o destino lhe abrir outros horizontes. Num dia comum de trabalho, ela conheceu um espanhol — Mário — que havia sido transferido para o escritório da EY em São Paulo. Foi amor à primeira vista. Pouco tempo depois, contudo, Mário teve de retornar para Madri, por causa de problemas familiares. O jeito foi Claudia pedir transferência para a filial da empresa na capital espanhola e ficar junto do futuro marido. Não foi uma decisão fácil a de cruzar o Atlântico, pois significava para a executiva deixar para trás a

família, os amigos e os projetos aos quais ela havia se dedicado tanto.

Assim que pisou em Madri, a menina do Capão Redondo tratou de aprender espanhol. Era questão de sobrevivência e de honra. A adaptação à nova vida foi mais fácil do que Claudia imaginava. O trabalho na EY fluía bem, assim como o casamento. Os dois primeiros anos em Madri passaram voando e trouxeram para a brasileira um diploma de um MBA em finanças internacionais pela Universidade de Alcalá e um convite de emprego. A empresa espanhola de consultoria Auxadi a convidou para chefiar as operações no Brasil. Não teve como dizer não.

Na nova companhia, com toda a experiência acumulada e força descomunal para o trabalho, logo ela chegou ao cargo de diretora, com a missão de comandar escritórios de 50 países, com 120 funcionários. Foram 10 anos de Auxadi. Agora, Claudia está diante de um novo desafio,



Em 2006, se graduando como contadora. Na foto, com a irmã gêmea Carla



Quando criança (com a mão no rosto), com a família, em São Paulo

desta vez, de abrir escritórios da Go Global, que era sua cliente na antiga empresa, em vários países da Europa e da América Latina. Não só.

Será responsabilidade dela implantar as áreas de contabilidade e fiscal na empresa japonesa, cujo foco hoje está no setor de recursos humanos. “Estou muito entusiasmada com essa mudança de emprego. De Madri, vou estruturar todo esse braço novo da empresa. É interessante que, durante muito tempo, a Go Global me convidou para se juntar ao seu corpo de executivos, mas creio que só agora estou pronta para encarar esse desafio”, diz. A Go Global tem filial no Brasil, que está incluída no projeto de expansão de novos negócios da empresa.

A filha de dona Maria Domingas está cheia de planos. Para ela, os próximos 10 anos serão cruciais para que possa montar uma estrutura que lhe permita trabalhar menos. Isso passa por se

tornar sócia da Go Global. Mesmo após os objetivos atingidos, Claudia não pretende retornar ao Brasil. Acredita que sua vida está totalmente estruturada na Espanha, com o marido e os dois filhos, uma menina de 9 anos, e um menino, de 7. “Temos toda uma segurança da qual não vejo motivos para abrir mão”, afirma.

Destino une irmãs

A mãe, que tanto apoio deu à filha, continua em São Paulo, mas não mais no Capão Redondo. Está instalada em um belo apartamento em um bairro de classe média que Claudia e Carla compraram para ela. Sempre que pode, viaja com as filhas. Carla também mora em Madri e, assim como a irmã gêmea, desenvolveu uma carreira brilhante. Formou-se no Brasil em tradução e intérprete. Logo depois, abriu uma escola de línguas, que tocou até se casar com o irmão do marido de Claudia. “Quis o destino que nós ficássemos sempre juntas”, ressalta a diretora da Go Global.

Em Madri, Carla voltou a investir em uma escola de línguas. Ela é hoje uma conceituada palestrante e requisitada treinadora de executivos de empresas que precisam dar palestras em outras línguas. “Devemos todo o nosso sucesso a nossa mãe, que, desde muito cedo, nos incentivou a estudar e a dar o melhor de nós no trabalho”, destaca Claudia. As gêmeas têm dois outros irmãos que vivem no Brasil, próximos de dona Maria Domingas. A irmã mais velha é vendedora de uma loja. O irmão do meio, dono de um restaurante.

“Quando penso em todas as coisas ruins que vi no Capão Redondo, tiroteio na porta da minha casa, meninas grávidas, drogas, tenho certeza de que venci, assim como minha irmã Carla”, enfatiza Claudia. O pai, Natalino, que sempre deu muito amor à família, mesmo tendo uma vida marcada pela depressão e pelo envolvimento com álcool, não teve a oportunidade de ver a filha construir uma carreira tão relevante.

“Mas, enquanto esteve vivo, nos deu suporte”, diz a executiva. Agora, Claudia quer canalizar toda a energia para o trabalho que a espera. Por mais experiência que se tenha, sempre dá aquele friozinho na barriga com o novo.